



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

250 anos de Porto Alegre – 200 anos da Independência do Brasil - Aclamação de Dom Pedro como Imperador do Brasil, com o nome de Dom Pedro I – 180 anos das Revoluções Liberais de SP e MG – 170 anos da Batalha de Monte Caseros – 110 anos do início da Guerra do Contestado – 100 anos da Semana de Arte Moderna em São Paulo – 90 anos do início da Revolução Constitucionalista de São Paulo e Mato Grosso – 80 anos dos afundamentos de 23 navios brasileiros por submarinos alemães em diversos lugares do mundo – Declaração de Guerra do Brasil à Alemanha e à Itália – 20 anos da conquista do pentacampeonato mundial de futebol na Copa do Mundo do Japão/Coréia do Sul pelo Brasil.

ANO 2022

Dezembro

Nº 417



A IMACULADA CONCEIÇÃO, PADROEIRA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Encerrando-se o ano civil e no alvorecer do Ano Litúrgico, uma Solenidade faz com que os altares de todo o orbe sejam iluminados, cobertos de flores e o povo, corações plenos de amor, entoe: TOTA PULCHRA ES MARIA! Toda pura és Maria!

A inspiração sublime de que a mãe de Jesus fora concebida sem pecado em face dos méritos de seu divino filho surgiu nos primórdios da cristandade. Do coração do povo fiel alcançou detida reflexão dos grandes teólogos e intelectuais, nem sempre concordes.

No século VII, já se celebrava a festa da Imaculada no oriente e, por causa da presença bizantina, também no sul da Itália. Um santo, pio e sábio teólogo, falecido em 1308, é quem melhor expôs argumentos sobre a Imaculada Conceição: o franciscano escocês Duns Scotto.

Há mais de 300 anos, a união do negro, branco e índio formou o braço da gênese do Exército Brasileiro que, imbatível, expulsou do solo da Pátria o invasor holandês que tinha o mais poderoso exército da época.

Os brasileiros marchavam para o combate cantando um Hino à Virgem Imaculada Conceição. Por este motivo, a Imaculada Conceição, até hoje, é honrada pela Força Terrestre como sua Protetora. Há foto de uma procissão com a Imagem da Imaculada Conceição, no acampamento brasileiro, durante a Guerra do Paraguai.

Em Guararapes, quando expulsamos o invasor holandês, cantava-se:

**Ó Virgem da Conceição, Maria Imaculada
Vós sois a advogada dos pecadores
E a todos encheis de graça com a vossa feliz grandeza.
Vós sois dos céus princesa,
E do Espírito Santo esposa.
Maria, Mãe de graça, Mãe de misericórdia
Livrai-nos do inimigo,
E protegei-nos na hora da morte.
Amém!**

Só em 1854, no dia 8 de dezembro, é que o Papa PIO IX, na bula "Ineffabis Deus", declarou dogma de fé católico a Imaculada Conceição de Maria Santíssima.

Em 1954, portanto há 68 anos, Dom Orlando Chaves, Bispo de Corumbá, cidade do então Mato Grosso indiviso, atualmente Mato Grosso do Sul, em consonância com todos os Bispos do Brasil e do mundo, celebrou com o devido brilho o centenário da proclamação do dogma da Imaculada.

Foi realizado naquela cidade um Congresso Mariano, do dia 4 ao dia 8 de dezembro!

À noite do dia 4, o Monitor Parnaíba, navio de guerra da Flotilha de Mato Grosso, totalmente iluminado, chegou ao porto de Corumbá trazendo a Imagem de NOSSA SENHORA DO CARMO DO FORTE DE COIMBRA.

Dom Orlando Chaves mandara efetuar pesquisa e descobriu que a referida Imagem era a mais antiga de todo o sul de Mato Grosso o que equivale, nos dias atuais, a mais antiga em todo o Mato Grosso do Sul.

Muitas autoridades civis, militares e eclesiásticas se fizeram presentes. Dentre elas estava o Comandante da 9ª Região Militar, General Fernando do Nascimento Fernandes Távora; o General Raul Silveira de Mello; o Almirante Hugo Pontes, Comandante do Distrito Naval, de Ladário; e o Capitão Stavro Sava, Comandante do Forte de Coimbra.

Do Clero, presente, estava o insigne Dom Francisco de Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá.

Para o evento, Dom Aquino escreveu a letra da Canção de Nossa Senhora do Carmo do Forte de Coimbra, musicada, após concurso, pelo Padre Fausto Santa Catarina, SALESIANO

DE DOM BOSCO. A referida Canção foi dedicada ao ilustre General Raul Silveira de Mello, considerado Apóstolo da Virgem do Carmo do Forte de Coimbra, por Dom Orlando Chaves.

No dia 8, o Comandante da Região providenciou que a Urna com os restos mortais de Ricardo Franco, que se encontrava no Quartel General em Campo Grande, fosse transportada para Corumbá, para ficar junto à Imagem de Nossa Senhora que o grande herói levava para Coimbra, no seu Comando glorioso, em 1798!

Dentre os grandes palestrantes do Congresso Mariano destacam-se: o Arcebispo Dom Aquino Corrêa e o General Raul Silveira de Mello.

Fato significativo e emocionante, durante tão belos dias, foi no dia 8, dia da Imaculada Conceição, quando todos os Generais, solenemente, colocaram no manto da Imagem de Nossa Senhora do Carmo, as suas insígnias de General! Antiga e bela tradição!

Com sabedoria, diz Dom Aquino Corrêa, num trecho da Canção que compôs à Virgem do Carmo do Forte de Coimbra, atendendo solicitação de Dom Orlando Chaves que a dedicou ao General Silveira de Mello, Apóstolo da mesma Virgem:

RAINHA DAS BELAS
VITÓRIAS MORAIS
TEU MANTO É DE ESTRELAS
DOS TEUS GENERAIS!

Todas essas maravilhas aconteceram no dia 8 de dezembro de 1954, há 68 anos!



MONUMENTO NACIONAL AOS MORTOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL – ATERRO DO FLAMENGO, RIO DE JANEIRO

Histórico

O Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (MNMSGM) foi idealizado pelo Marechal JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES, Comandante da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Graças a seu denodado esforço e dedicação, seu sonho de trazer de volta à Pátria os Heróis imolados nos Campos de Batalha da Itália transformou-se em magnífica realidade.



“Eu os levei para o sacrifício; cabia-me trazê-los de volta para receber as honras e as glórias de todos os brasileiros...”

O Monumento teve sua construção iniciada em 24 de julho de 1957 e foi inaugurado no dia 05 de agosto de 1960. Em 20 de junho de 1960, partiu para Pistóia, na Itália, a Comissão de Repatriamento dos Mortos do Cemitério de Pistóia (CRMCP), com a incumbência de proceder à exumação dos 462 corpos existentes no Cemitério Brasileiro ali localizado e prepará-los para transladação.

A Comissão de Transladação, presidida pelo Marechal OSWALDO CORDEIRO DE FARIAS, que integrou a FEB como Comandante da Artilharia Divisionária, chegou ao Rio de Janeiro

em 15 de dezembro de 1960, trazendo as urnas contendo os restos mortais em aeronave da Força Aérea Brasileira.

Uma semana depois, no dia 22 de dezembro, em emocionante solenidade, seguindo em cortejo fúnebre pela Avenida Rio Branco, as urnas foram levadas para o Monumento e colocadas nos respectivos jazigos do Mausoléu. Uma das urnas de mortos não identificados passou a simbolizar o “Soldado Desconhecido” e foi entregue pelo Ex-Comandante da FEB, Marechal MASCARENHAS DE MORAES, ao então Presidente da República, Dr. JUSCELINO KUBITSCHKE DE OLIVEIRA, que a depositou na base do Pórtico Monumental, onde se encontra até hoje.



Em uma arquitetura revestida de simbolismo, o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial foi projetado pelos arquitetos MARCOS KONDER NETTO e HÉLIO RIBAS MARINO, contendo obras artísticas de JÚLIO CATELLI FILHO, ALFREDO CESCHIATTI e ANÍSIO ARAÚJO DE MEDEIROS, sintetizando valores históricos da Nação brasileira.

O MNMSGM no decorrer de sua existência, já recebeu a visita de ilustres personalidades nacionais e internacionais, nas quais podemos destacar o Papa JOÃO PAULO II, nas duas ocasiões em que esteve no Brasil, a Rainha da Inglaterra, ELIZABETH II e o Presidente dos Estados Unidos da América, JIMMY CARTER.



CÍRCULO MILITAR DE PORTO ALEGRE

Jorge Roberto Cunha de Oliveira
Antigo Aluno do Colégio Militar de
Porto Alegre, onde foi Presidente da
Sociedade Esportiva e Literária e
formando de 1980, Diretor Geral do
Tribunal Regional do Trabalho 4^a
Região, aposentado, e Advogado
militante.

Resolvi escrever um pouco para tentar contar uma parte da história do Círculo Militar de Porto Alegre.

Sou filho de um militar já falecido faz 12 anos, Coronel do EB e membro de várias diretorias do Círculo Militar de Porto Alegre, nas décadas de 60. Meu pai se chamava Jorge Alencastro de Oliveira, e além de militar era Médico Veterinário e Jornalista, portanto um Relações Públicas de origem. Foi, inclusive, Diretor Responsável e Redator do Anuário do Círculo Militar (1963/1969), Diretor de Divulgação (1964/1969) e Diretor Social (1967/1969), além de grande incentivador pelo crescimento do clube.

Minha falecida mãe, Therezinha de Jesus Cunha de Oliveira, também jornalista, tinha uma participação excelente na confecção do Anuário do Círculo Militar, que era o órgão de imprensa que apresentava o nosso clube no quadro da sociedade gaúcha.

Eu era criança, com 7 anos de idade, quando meu pai chegou em casa e mandou toda a família se preparar para sair, pois tinha recebido notícia do incêndio do prédio do Grande Hotel,

Símbolo da Belle Epóque porto-alegrense, onde funcionava a secretaria e sede social do Círculo Militar, nos seus quinto e sexto andares de muito luxo.

O prédio onde funcionava o Círculo Militar havia sido comprado pelo GBOEX em meados de 1956 e o incêndio o destruiu em 13 de maio de 1967, ao final da tarde de um sábado comemorativo a mais um aniversário da abolição da escravatura e véspera do Dia das Mães. Ele nos levou para uma área dos fundos do Teatro São Pedro de onde se avistava aquele prédio maravilhoso num estilo antigo arquitetônico eclético, em labaredas.

Lembro que ele chorou, pois era um dos grandes incentivadores do crescimento e valorização do seu clube social, o clube da sociedade militar das três forças armadas. Assistimos toda aquela tragédia, graças a Deus, sem vítimas.

A partir daquele dia, o Círculo Militar não tinha mais sede, e iniciava um calvário para retomar força e vigor daquela entidade que até então, tinha uma das mais belas e luxuosas sedes sociais da cidade de Porto Alegre.

Reuniões da administração ocorreram e aqueles abnegados membros da diretoria resolveram alugar um pequeno apartamento na Galeria do Ouvidor, a qual está situada até hoje entre a Rua dos Andradas e Rua Siqueira Campos, para montar uma secretaria provisória e recomeçar a vida daquele clube tão ativo e respeitado.

Conseguiram refazer toda a documentação da secretaria com o apoio dos sócios do clube e resolveram partir para uma grande empreitada, a de adquirir uma nova sede, mais singela, mas que conseguiria fazer retornar aquela vibração dos seus associados. Logo, compraram uma casa de veraneio na beira do rio Guaíba, na rua Vicente Faillace, a qual tinha uma extensa área com um campinho de esporte, uma piscina, vestiários, salão de festas pequeno no corpo da casa e um belo pátio que se transformou na área onde ficavam as cadeiras e camas de praia para o pessoal que resolvia curtir o sol e adentrar na piscina.

Mais tarde, acredito que uns três anos após o incêndio do Grande Hotel, receberam do Comando do Terceiro Exército à época, uma casa de um luxo incrível a qual era destinada a ser residência do General de Exército que comandava a Região Sul, situada na avenida João Pessoa, ainda existente, mas em estado de deterioração total.

Naquele momento o clube voltava a ter o status e a ostentar a sua potencialidade plena perante a sociedade porto-alegrense, pois tinha uma sede náutica-campestre no bairro Tristeza e uma bela sede social quase no centro da capital gaúcha.

Na sede da João Pessoa, como a chamávamos à época, abriram uma boate aos domingos para os filhos dos associados, a qual foi batizada de Boate Coca-Cola. Local de intensa frequência dos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre dos anos dourados, dos quais tive a grande honra de pertencer. Foi naquele local de diversão que, pela primeira vez vi a luz negra e dancei de rosto colado. Grande lembrança.

Lembro que o clube cedeu espaço aos sábados para que lá se criasse e instalasse um grupo escoteiro que, num primeiro momento foi criado para ser de escoteiros do ar e que, logo após, se transformou no Grupo de Escoteiros do Mar Passo da Pátria, que hoje funciona na Vila Assunção.

Passaram-se mais uns dois anos e começou a grande etapa do crescimento com o recebimento de um terreno no bairro Jardim Botânico, mais precisamente de frente para a rua Dona Inocência, de fundos com o terreno do Clube Farrapos, de Oficiais da Brigada Militar.

Uma época de vacas gordas que facilitou o início da construção da bela sede do Jardim Botânico, sendo que lembro bem da colocação da pedra fundamental e da inauguração daquele belo prédio, onde frequentei bastante no período de minha vida dos 14 ou 15 anos até os meus 18 ou 19 anos de idade.

Deste período de convivência dentro das sedes do Círculo Militar, lembro-me de Presidentes como o Brigadeiro Azambuja, o General Yedo Blauth, o Coronel George Noronha, os dois primeiros já falecidos e o último ainda vivo, e de alguns membros das diretorias como os Coronéis Cruz e Godinho, os capitães Pacheco e Pompílio e outros grandes amigos do meu falecido e querido pai Jorge Alencastro de Oliveira, o qual hoje é denominação de um logradouro

do município de Porto Alegre, numa praça na esquina das ruas Múcio Teixeira e rua Uruguaiana, no bairro Menino Deus.

Homenagem merecida, pois era um homem ativo, que além de participar de inúmeras atividades do Exército Brasileiro, como a de responsável técnico veterinário da Semana do Cavalo, tinha intensa participação junto ao Círculo Militar de Porto Alegre, Liga de Defesa Nacional, Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, GBOEX, CAPEMI, CASOMI e redação das colunas militares dos jornais Zero Hora (1969/1970), Diário de Notícias (1970/1980) e Jornal do Comércio (1981/1986).

Acho que consegui relembrar uma parte da história do Círculo Militar de Porto Alegre e de um homem que muito batalhou para engrandecer tal entidade e muitas outras ligadas às Forças Armadas.

Claro que algumas coisas não ressurgiram com tamanha clareza, pois à época dos fatos eu era um garoto de 7 anos vendo a vida passar, e hoje sou um homem de 60 anos lembrando de tais fatos e situações com muita emoção.

Espero ter contribuído com a minha parte.

Porto Alegre, 02 de novembro de 2019.

Jorge Roberto Cunha de Oliveira



A Guerra de 1861-1865 nos Estados Unidos da América

- uma visão meta-histórica -

Marcos Paz do Nascimento, Cel Cav EM Veterano

Como o título deixa claro, não se antecipa pelo nome da guerra seu entendimento (civil ou de secessão?) e não se analisa nenhum fato (daí meta-história).

Vejo duas possíveis explicações para a Guerra Norte-americana de 1861-1865 (doravante Guerra de 1861-1865).

Na primeira, na eclosão da Guerra de 1861-1865, existiam no território dos Estados Unidos da América duas nações, a Nação norte-americana do Norte e a Nação norte-americana do Sul. Estas duas nações, uma dita Estados Unidos da América (a Nação do Norte) e a outra Estados Confederados da América (a Nação do Sul), guerrearam-se, com a vitória, ao custo de mais de seiscentas mil mortes, dos Estados Unidos da América.

Na segunda, a eclosão da Guerra de 1861-1865 resultou de problemas políticos que o arcabouço institucional da Nação (aqui apenas uma nação) não conseguiu encaminhar sem a ocorrência de uma ruptura que demandou mais de seiscentas mil mortes para ser sanada.

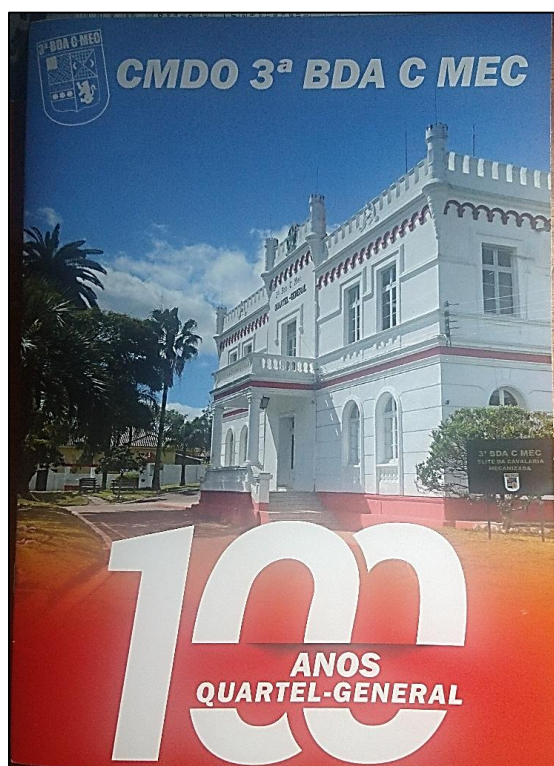
O problema da primeira explicação é que dela resulta ter os Estados Unidos da América tornando-se, ao final da Guerra, potência ocupante no Sul. Nesta linha de explicação vale ressaltar a sagacidade da potência ocupante, a qual, bem ao estilo britânico, acertou-se com as elites da nação ocupada e nem mesmo vetou aos seus filhos acesso às estruturas de poder vitoriosas (Woodrow Wilson - que se orgulhava de, ainda criança, haver conhecido Robert Lee, era sulista, racista de carteirinha e foi Presidente dos Estados Unidos da América). Esta explicação torna fácil entender os conflitos civis do Governo Lyndon Johnson (cerca de um século após a anexação), os quais caracterizam o encerramento da Guerra e a vitória do Norte sobre as almas do Sul.

O problema da segunda explicação é que ela evidencia o fracasso institucional, naquela quadra histórica, do - a justo título - orgulhoso, U. S Army. Ou seja, se não existiam duas nações, que seu Exército tivesse agido, tivesse evidenciado às elites nacionais norte-americanas (nortistas ou sulistas, tanto faz) que ideais mais nobres estavam em jogo. Com isto o U. S. Army talvez se desmerecesse aos olhos apaixonados do presente de então, mas ter-se-ia tornado merecedor da imorredoura gratidão das gerações futuras da Nação.

Para concluir. Este que escreve tem simpatia pela primeira explicação, mas vendo a segunda como uma contrafactualidade, não se furta a, olhando longe para não induzir nenhuma ilação, observar que existem momentos nos quais há necessidade de sabedoria para ter uma visão meta-histórica e coragem para assumi-la. Exemplificando: De Gaulle as teve quando repudiou a acomodação do Estado Francês com a potência ocupante; Pio XII, ex-núncio na Alemanha de Hitler, não, e então não repudiou o Holocausto.

OBRAS RECEBIDAS POR DOAÇÃO E QUE ESTÃO À DISPOSIÇÃO DOS INTERESSADOS

As obras cujas capas seguem abaixo foram recebidas pela AHIMTB/RS e estão à disposição dos amigos, correspondentes e integrantes, bastando para isso entrar em contato com a Presidência pelos fones 984068291, 3737-2569 ou e-mail lecaminha@gmail.com



Excepcional trabalho produzido pelo Comando da 3ª Bda C Mec – Brigada Patrício Corrêa da Câmara, com conteúdo histórico e atual.

